Rádios educativas: entraves, desafios e possibilidades para a construção de práticas educativas[1]

Patricia Zanin Heitzmann[2]
Universidade Norte do Paraná

Flávia Lúcia Bazan Bespalhok[3]
Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – Campus Bauru

Resumo
A hegemonia do modelo e da linguagem da rádio comercial, a cega obediência às leis do mercado e o uso político-eleitoral de rádios públicas nos obriga a refletir sobre as possibilidades da prática educativa no veículo rádio em nossa contemporaneidade. No cenário atual, será ainda possível pensar num veículo que possa estimular a reflexão e contribuir para a mudança de práticas sociais? Apesar de todas as dificuldades, as emissoras de rádio educativas do Brasil deveriam ter esse compromisso. Este artigo conceitua o rádio público e educativo, suas transformações no Brasil, seus entraves e possibilidades. Também relata parte da experiência jornalística da Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina), que busca trilhar o caminho da prática educativa segundo ideais de Paulo Freire.

Palavras-chave
Radiojornalismo; Emissoras Educativas; Relato de experiência; Rádio Universidade FM

É com desalento que observamos para onde caminha a mídia nesse início de século XXI. As transformações ocorridas nos veículos de comunicação nos últimos anos nos convidam a uma reflexão sobre qual papel desempenham na sociedade atual. Será ainda possível pensar num veículo que tenha como suas premissas "elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em um agente ativo da transformação do seu meio natural, econômico e social" (KAPLUN, 1978, p. 21) como defendia Mario Kaplun para o rádio? Com seus programas radiofônicos Kaplun conseguiu esse feito há algumas décadas.

Um dos desafios dos comunicadores de hoje é atentar para a proposta do autor latino-americano e refletir sobre sua viabilidade em tempos de mídia globalizada e globalizante, fechada em oligopólios e que se apóia cada vez mais no lucro e na

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres
[2] Patricia Zanin Heitzmann é professora de Radiojornalismo da Unopar (Universidade Norte do Paraná) e jornalista da Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina) patricia_zanin@uol.com.br
[3] Flávia Lúcia Bazan Bespalhok é jornalista, docente do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina – Paraná e mestranda em Comunicação na Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", campus de Bauru/SP. flabespa@onda.com.br

conquista de audiência. Entendemos que no cenário brasileiro as emissoras educativas podem ser alternativa para uma programação que busque a transformação e não simplesmente a reprodução de modelos e apresentamos uma possibilidade de caminho ao pensar a educação como teoria, mas, principalmente, como prática de intervenção social.

O Princípio de tudo: o não comercial x comercial

Nas primeiras décadas do século XX, quando o rádio, o primeiro veículo eletrônico a surgir, começava a dar seus primeiros passos e a emitir as primeiras transmissões, os modelos de gerenciamento foram estabelecidos em cada país. No início, segundo Maria Elvira Bonavita Federico (1982, p. 18), o empreendimento nasceu comercial, privado e com baixa potência de transmissão na maioria dos países. Quando os governantes perceberam a potencialidade do veículo adotaram diferentes sistemas de exploração da radiodifusão "de acordo com as implicações históricas e os objetivos que lhes destinaram os grupos de poder" (ORTRIWANO, 1985, p. 52). Nos Estados Unidos e no Brasil a exploração comercial e a busca pelo lucro prevaleceram[4]. Já na Grã-Bretanha as transmissões começaram com o modelo público e de monopólio[5], com uma empresa – a BBC – sustentada pela população. Esse modelo britânico influenciou toda a Europa, mas cada país fez adequações para adaptá-lo a sua realidade[6].

Didaticamente, Ortriwano (1985) propõe uma divisão em apenas dois sistemas de radiodifusão: o de Monopólio ou Autoritário e o Sistema Pluralista. Nos dois sistemas o direito de transmissão está nas mãos do Estado que pode explorar o serviço ou concedê-lo a terceiros. No sistema de Monopólio a nação instala e opera os serviços de radiodifusão (sistema adotado principalmente por países socialistas). No sistema pluralista (adotado em países como Estados Unidos, Brasil e Grã-Bretanha) existe a convivência de emissoras estatais ou públicas e comerciais.

Cabe ainda fazermos uma diferenciação mais acurada entre esses três tipos de emissoras levando em conta, principalmente, o modo de organização da radiodifusão brasileira. Ao nosso ver, as chamadas emissoras estatais constituem as emissoras

[4] Embora nos primeiros anos o rádio brasileiro tivesse o idealismo educativo-cultural de Roquette Pinto, a partir da década de 1930, com a regulamentação da publicidade, o rádio no Brasil seguiu o caminho comercial. Somente anos depois é que surgiram as emissoras educativas.
[5] Hoje emissoras comerciais, tanto no rádio quanto na TV partilham o mesmo espectro com a BBC.
[6] Mais informações sobre esse processo na Europa em BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

educativas, financiadas totalmente pelo Estado, seja ele federal, estadual ou municipal, universidades ou fundações formadas especificamente para esse fim. Salientamos que essas emissoras não devam ser confundidas com as emissoras públicas européias, como as constituídas pelo modelo adotado na Grã-Bretanha. Neste, as verbas para custeio da emissora não vêm do governo e sim da população, por meio de taxas pagas para a manutenção do veículo. Nenhum desses dois tipos de emissora visa o lucro, o que permite uma programação trabalhada sem as amarras da busca pela audiência. Já as emissoras comerciais são concedidas a terceiros para a exploração mercantil. Elas são mantidas como um outro negócio qualquer e precisam gerar lucro, como preconiza o capitalismo.

Nas emissoras comerciais, a programação tem, na visão de Ortriwano (1985, p. 54), "padrões dominantes no conteúdo das mensagens". Ou seja, a roda viva movida pelo lucro fará com que se busque um programa que dê audiência sem a preocupação com a qualidade da programação e, na maioria das vezes, repetindo fórmulas de sucesso dos concorrentes. Os padrões dominantes de conteúdo apontados por Ortriwano podem ser comparados à idéia de pensamento único defendida por Ignacio Ramonet (2003, p. 246-7)

> Quer dizer, o que a imprensa diz a televisão repete, a rádio repete, e não apenas nos noticiários, mas também nas ficções, na apresentação de um tipo de modelo de vida que se deve apresentar [...] Não é um discurso que tenha a vocação ética de educar o cidadão ou de informar, no bom sentido da palavra, o cidadão, pois tem essencialmente e antes de mais nada uma perspectiva comercial.

Entretanto, essa crítica à programação também tem sido feita às emissoras públicas européias. Elas têm perdido força e algumas estão se curvando ao comercialismo, como atesta Robert Mcchesney (2003, p. 234) quando afirma que "as emissoras públicas, que já foram a peça central da mídia da social-democracia européia, estão hoje na defensiva e cada vez mais reduzidas a um nicho semicomercial no sistema global".

John Thompson (1995) também tece críticas ao modelo público vigente na Grã-Bretanha[7]. O autor não nega os aspectos positivos do modelo, apontando a qualidade da programação: "muitos programas da BBC são prova de que instituições de difusão podem operar muito eficientemente dentro do domínio público, isto é, dentro de um

[7] Na concepção original do modelo público, proposta por John Reith, primeiro diretor geral da BBC, havia quatro pontos: não aceitação do comercialismo, aumento do acesso da programação a toda comunidade, domínio sobre a difusão, e a manutenção de altos padrões de programação

referencial institucional que não é propriedade privada e que não tem por finalidade obter lucro" (THOMPSON, 1995, p. 331). Entretanto, avalia como problemáticos três aspectos: a concentração de poder nas mãos da elite burocrática responsável pelo gerenciamento da emissora privilegiando uma programação elitista, excluindo o popular e entendendo a cultura apenas como aquela disseminada em grandes teatros; a pressão exercida pelo governo, que mesmo estando afastado do grupo de dirigentes e não tendo como barganhar apoio financeiro, chegou, na experiência da BBC, a influenciar no conteúdo de algumas programações em muitas situações; e a impossibilidade de se manter o controle sobre a difusão, já que com as novas tecnologias a transmissão de dentro ou de fora do país é largamente facilitada.

Diante desses pontos negativos, Thompson propõe o que chama de "princípio de pluralismo regulado", no qual a mídia ocuparia um espaço entre o mercado e Estado. Para isso, o autor prega o fim da concentração da mídia na mão de poucas empresas. Ao colocar um limite na formação de conglomerados de comunicação estaria garantida a existência de várias instituições de mídia independentes, promovendo o pluralismo necessário para pôr fim ao monopólio do pensamento único. "O que está em jogo não é, simplesmente, a liberdade do consumidor de escolher, mas também a disponibilidade de uma multiplicidade de fóruns públicos em que diferentes pontos de vista possam ser expressos" (THOMPSON, 1995, p. 338).

Para a efetivação do pluralismo, Thompson (1995, p. 339) também defende uma nova legislação que promova a "desconcentração de recursos nas indústrias da mídia", e ainda "a separação clara dessas instituições do exercício do poder de estado". Essa independência, aliada à desconcentração de recursos, vai promover um espaço institucional para que a mídia possa se desenvolver sem pressão dos governos e sem as amarras da busca incessante pelo lucro.

> É um espaço entre a operação desenfreada das forças do mercado, de um lado, e o controle direto das instituições da mídia pelo estado, de outro. É através da localização das instituições da mídia no espaço entre o mercado e o estado que o princípio do pluralismo regulado pode ser, mais efetivamente, posto em ação. (THOMPSON, 1995, p. 339)

Se existem problemas no modelo público britânico, quando analisamos a alternativa brasileira às emissoras comerciais, percebemos que as questões se aprofundam. A programação é elitista e na maioria dos casos trabalha com um conceito restrito de cultura. Não há uma busca pela diversidade cultural do nosso país, e, portanto, como assevera Valci Zuculoto (2004) "não atendem ao interesse público e

democratizante ao qual deveria se submeter a comunicação". A autora também avalia como elitista a programação das rádios educativas brasileiras:

> Numa observação geral e com o pouco acúmulo de estudo organizado sobre estas emissoras, pode-se avaliar que, na sua maioria, seguem o referencial de uma programação que se pretende educativa, formadora de opinião, mas apresenta evidentes sinais de elitismo e de produção de uma comunicação que exclui. (ZUCULOTO, 2004)

Uma outra questão gritante é a dependência do poder público. Este, como o sustentador econômico do sistema, se vê no direito de influenciar na programação e no conteúdo dos programas.

Não se tem um levantamento preciso de como se dá a interferência do poder público na linha editorial dessas emissoras. O que se ouve e o que se vê é um investimento, um esforço governamental de, cada vez mais, divulgar ações, projetos e políticas públicas pelas ondas do rádio e também na TV. Essa veiculação se dá, na maioria das vezes, sem o direito ao contraditório e sem a reflexão e o caráter crítico que devem nortear as emissoras educativas.

No Paraná, por exemplo, o governo do Estado difunde informações sobre sua atuação nas duas emissoras educativas e também na TV Educativa, em Curitiba. A reunião semanal do secretariado do governador Roberto Requião (PMDB) é veiculada e também o programa "Pra seu governo"[8]. Em Londrina, a assessoria de imprensa da administração da Universidade Estadual de Londrina produz, desde março de 2005, o programa "Por dentro da UEL", na Rádio Universidade FM. "Por dentro da UEL"[9] é uma revista semanal de informação sobre a administração da Universidade, com divulgação de eventos oficiais, solenidades e parcerias da UEL.

No sistema brasileiro de radiodifusão, em especial nas emissoras educativas, o sistema de pluralismo regulado defendido por Thompsom seria também uma alternativa porque procuraria uma independência dos tentáculos do governo, ou seja, estabeleceria um claro afastamento do poder do Estado, além de uma distância das amarras da busca pelo lucro.

Para Marlene Blois (2003), independência editorial é uma das marcas que devem nortear o caráter educativo das emissoras de rádio. Ela defende a existência de vínculos

[8] "Pra seu governo" é veiculado de segunda a sábado das 7 às 7h30 nas rádios Paraná Educativa AM (630 KHz) e Paraná Educativa FM (97,1 MHz) e de segunda a sexta das 12h30 às 13 horas na TV Paraná Educativa, segundo informações do site www.pr.gov.br/rtve/prog_am.shtml.

[9] "Por dentro da UEL" é veiculado às sextas-feiras das 17h30 às 18 horas, na Rádio Universidade FM de Londrina (107,9 MHz). A revista radiofônica foi criada na administração da atual reitora da UEL Lygia Puppato (PT) e estreou em março de 2005.

institucionais das emissoras com órgãos nacionais ou locais e até com entidades da iniciativa privada, mas os objetivos dessas entidades devem estar voltados para ações que privilegiem a Cultura e a Educação tanto no aspecto da formação quanto da informação.

> No entanto, a natureza da vinculação não deve ser o indicador a nortear a linha de conduta da emissora, que precisa manter uma posição isenta e ética, compromissada com a informação e a formação do público ouvinte, com a construção cotidiana da cidadania de quem a escolhe como meio de comunicação e de informação, de elo com a comunidade próxima ou distante (BLOIS, 2003, p. 45).

Mas de que compromisso com a informação, educação e cultura estamos tratando? Uma das possibilidades é o caminho inspirado em Paulo Freire, que discutiremos a seguir.

Educar como forma de intervir

O exercício da lapidação é um dos principais trajetos que devem ser construídos pela educação. É preciso ter convicção de que a mudança é possível e que a prática educativa é uma forma de intervenção no mundo, como afirmava Paulo Freire (1996, p. 85), que tanto lutou contra o exercício do comodismo e desengano, que consome e imobiliza:

> O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono; meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente.

As possibilidades de intervenção de que Freire tratou envolvem a prática de outros saberes como criticidade, estética e ética, que incorporam o risco e aceitação do novo, a rejeição à discriminação, além de reflexão crítica sobre a prática. Sem pesquisa, criatividade, curiosidade, comprometimento, escuta, disponibilidade para o diálogo e respeito aos saberes dos sujeitos com os quais nos relacionamos também não será possível desenvolver uma prática educativa autônoma, alertou o educador.

Talvez Paulo Freire estivesse discutindo em seu projeto de "Pedagogia da Autonomia" o que Kant (1985) chamou de busca pelo esclarecimento e abandono da menoridade.

Podemos comparar a menoridade como uma forma de não exercitar a autonomia e a cidadania. Almejá-la, atingi-la, exercitá-la, provocá-la, implica em coragem,

segundo o filósofo alemão. Para ele, preguiça e covardia ajudam a explicar porque é tão cômodo ser menor:

> Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito da minha dieta, etc., então não preciso de esforçar-me eu mesmo... Que porém um público se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável. (KANT, 1985, p.102).

Mas a prática da liberdade, da autonomia, da busca pela saída da menoridade não é tarefa das mais fáceis na área da educação, principalmente por causa de todas as influências recebidas do que vários pensadores chamam do "tempo do pensamento único", com desdobramentos em todo o tecido social. É uma era de submissão dos governos às empresas. Segundo Alencar (2001), das 100 maiores economias do mundo, 51 são empresas e 49 são estados nacionais. Os conglomerados têm o ganho especulativo como alvo e vivem de investir no marketing:

> A publicidade hoje recebe nada menos que um de cada cinco dólares investidos no mundo, é instrumento de "educação": educação para a egolatria, para o *"self-made-man"* (vide os Ronaldinhos e Tiazinhas, modelos de "ascenção social" para nossas crianças e jovens), que cristaliza o individualismo como valor. Ideologia como amálgama, como cimento do edifício social fundado no afã da estabilidade e do deus-mercado, onde tudo é troca, tudo tem um preço... O virtual sobrepuja o real, o entretenimento, lazer comprado supera o jogo lúdico, a vida brincante, a cultura. (ALENCAR, 2001, p.102).

Mas o "educador humanista" não sucumbe às adversidades e às dificuldades e vai buscar o jogo lúdico, a vida brincante e a cultura. Alencar defende a idéia da filósofa Hannah Arendt (1906-1975), para quem o ato educativo resume-se em humanizar o ser humano. O autor alega que o processo educativo envolve "ensinar a olhar para fora e para dentro", além de buscar a transformação da realidade, como já ensinou Freire. O discípulo do mestre defende ainda que o educador seja um provocador. Para ele, (...) é mais importante produzir novas perguntas, levantar indagações, do que trazer respostas prontas e passar uma informação acabada (ALENCAR, 2001, p. 111).

O questionamento deve ser um eterno protagonista da prática educativa. A dúvida que desestabiliza, que permite a pesquisa, que incita curiosidade é o eixo que pode produzir transformações. As mudanças operam primeiro nos sujeitos. São eles que serão responsáveis por novas formas e possibilidades de vida.

O processo de mudança, porém, envolve a busca pela autonomia, o abandono da menoridade, como advertiu Kant. Inclui uma tarefa de investigação da sociedade, mas,

principalmente, um mergulho em si mesmo. "Afinal, como disse um perseguido cientista que insistia em aprender com o universo, Galileu Galilei (1564-1642), 'não se pode ensinar alguma coisa a alguém, pode-se apenas a auxiliar a descobrir por si mesmo'". (GALILEI, apud ALENCAR, 2001, p. 110)

Essas descobertas e mergulhos nas profundezas do "eu" demandam reflexões éticas sobre nossa atuação no mundo subjetivo e profissional. A programação radiofônica, em especial jornalística, que busca essa relação com a educação e uma aproximação com o sujeito e suas narrativas deve, necessariamente, refletir uma preocupação ética.

Para Freire, a ética é um dos principais saberes necessários à prática educativa. Ele a coloca ao lado da estética. "A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas" (FREIRE, 1996, p. 36).

Atuar numa emissora de rádio educativa pressupõe um exercício permanente da ética combinada com a estética. Não basta produzir programas de conteúdo razoável, que, de fato, respeitem rigorosamente a conduta ética apoiada não só nos códigos dos jornalistas, mas também numa reflexão permanente sobre a prática. É preciso também garantir que o conteúdo ético tenha possibilidade de ser mostrado de forma interessante, intrigante.

Nessa perspectiva, faz-se necessário oferecer novas possibilidades de escuta não só dos conteúdos, mas também da forma. A busca combinada entre ética e estética deve percorrer um caminho que nos leve ao pensar em detrimento do imediatismo, que é uma das principais características do veículo rádio. Mas estamos tratando de emissoras educativas. Elas devem refletir, sim, sobre as questões de nosso tempo. Não podem estar alheias aos acontecimentos, mas têm que fugir das soluções prontas e simplistas. "É denunciar a superficialidade neurotizante de uma sociedade que coloca nosso legítimo e insaciável sonho perene de felicidade, harmonia e plenitude na posse das coisas, dos bens finitos". (ALENCAR, 2001, p. 113)

Por isso, muitas vezes é necessário fazer uma escolha entre o raso e o profundo; entre o imediato e o reflexivo. Assumir o papel educativo-cultural na busca da sua plenitude, reconhecendo, porém, que esta é uma idéia que irá constituir-se no percurso de um processo em construção. Assumir o papel de educativo-cultural passa pela produção de conteúdos e formas mais "lapidadas" da informação como reportagens, documentários e entrevistas que possam aprofundar um tema e, ao mesmo tempo, tratá-

lo de forma instigante para os ouvintes. Como afirma Mario Kaplun (1978), o uso de técnicas criativas é condição essencial da comunicação radiofônica educativa – um contraponto à fugacidade da mensagem do rádio.

Esses formatos e gêneros de programas de rádio também devem valorizar, sempre que possível, as idéias propositivas. Fugir da pauta que todos os veículos comerciais veiculam todos os dias. Um rádio que se pretende educativo tem o dever de estar atento a não reproduzir e a não repetir as informações. Deve buscar ser produtor da informação, valorizando ações, iniciativas e sujeitos que constroem possibilidades. Mais uma vez recorremos a Kaplun (1978, p. 57):

> A mensagem educativa pressupõe outros valores e outras pautas de comportamento. A mensagem educativa-crítica e problematizadora vai contra a corrente. Sempre é mais fácil seguir crendo e pensando o que sempre se crê e se pensa o que "todos pensam" que questionar-se e problematizar-se.

O educador Rubem Alves (2003) questionou e problematizou a imprensa por meio das inquietações de crianças da Escola da Ponte, em Portugal. Para elas, os jornais deveriam ser divididos em duas seções. Uma de nome "Acho Bem", em cores alegres, e outra, de nome "Acho Mal", em cores sinistras. Isso faria com que o leitor pudesse escolher o seu menu: "ou comidas de cheiro bom ou pratos em decomposição". Alves diz não entender a preferência da população por notícias "putrefatas". Ele se declara indignado com o método usado pelo jornalismo para selecionar o que vai ser transformado em notícia:

> O que me espanta é o critério que se usa para pinçar, das milhares que há, aquelas notícias que irão ser servidas aos leitores como comida. É preciso reconhecer que os jornais e a televisão são os fatores mais importantes na educação do povo. Jornais e televisão têm a missão ética de contribuir para que o povo seja melhor. Se o povo só se alimentar de comidas pútridas ele passará a gostar do pútrido. E, ao final, ficará também pútrido (ALVES, 2003, p.12)

Quem também fez uma avaliação crítica sobre esse caráter "pútrido" da mídia é Eugênio Bucci (2000), para quem a imprensa não deve estimular a necessidade perversa do público. Rubem Alves propõe que as iniciativas sem visibilidade apareçam nos jornais. E, por analogia, podemos afirmar, também no rádio. Ele cita uma conversa com um amigo, para quem: "[...] há coisas lindas acontecendo de forma silenciosa e invisível, pessoas que vivem por ideais altos e lutam pela justiça e pela verdade..." Mas o próprio Rubem Alves (2003, p.12) questiona: "Será que nós, humanos, sofremos de

uma doença inata, um pecado original que nos faz preferir o pútrido, o escabroso, o indecente, o violento?"

A experiência da Universidade FM

O Paraná tem pelo menos cinco emissoras educativas: duas em Curitiba; uma em Londrina, outra em Maringá e a quinta em Toledo.[10] Agora em 2005 a Unopar (Universidade Norte do Paraná), em Londrina, também coloca no ar sua emissora educativa.

Uma das mais antigas do Estado, a Rádio Universidade FM (emissora da Universidade Estadual de Londrina – 107,9 MHz) completou 15 anos em junho de 2005. Em pleno processo de "adolescência", tenta trilhar mais firmemente um caminho de educação. Assim como a programação musical, o jornalismo tem papel importante na pavimentação desse percurso. Desde julho de 2002, um projeto que busca valorizar as iniciativas propositivas de sujeitos e comunidades é levado ao ar. O projeto veiculado na rádio é experimental e se chama "Jornalismo Cidadão". Ele consiste na produção de reportagens veiculadas no Jornal do Dia.[11] Até 2003, a série era apresentada quinzenalmente, mas agora não tem periodicidade fixa. As reportagens, a maioria biográficas – também conhecidas como perfis – são levadas ao ar quando produzidas. O processo envolve um modo de produção e edição mais lento por reunir entrevistas longas que necessitam de um processo apurado de escuta e edição das falas.

A edição é mais lenta porque nela o repórter se retira da cena e vai buscando "costurar" um sentido para que a narrativa do entrevistado se auto-explique. Fica somente a fala do entrevistado, geralmente permeada com música e efeitos sonoros. A intenção é valorizar as histórias de sujeitos singulares. O psicanalista Renato Mezan (2003, p. 260) nos auxilia na tarefa de compreender a idéia de singular, tão valorizada pelo projeto:

> O singular é aquilo que é único, pessoal, instransferível, o que faz de mim um sujeito e do meu vizinho um outro, porque nem ele nem eu podemos dividir, sob esse aspecto, o que quer que seja. É o território da biografia, das escolhas, das paixões, dos atos individuais; cada ato soma-se aos anteriores e

[10] Levantamento feito pela equipe de jornalismo da Rádio Universidade FM em junho de 2003 para a produção de uma série de reportagens sobre rádios educativas. A série foi produzida por Maria Cristina Côrtes, com reportagens de Patricia Zanin Heitzmann; Roberta Nunes, Maria Isabel Gomes e Mariana Soares.

[11] Noticiário apresentado de segunda a sexta na emissora, das 12 horas às 12h30.

> com eles se amalgama, de modo a constituir cada pessoa como *aquela que é* e não outra.

Para o neurologista inglês Oliver Sacks (1997, p. 129), para sabermos sobre a vida de um sujeito, é preciso aprofundar-se no que ela tem de única:

> Biologicamente, fisiologicamente, não somos muito diferentes uns dos outros; historicamente, como narrativas, cada um de nós é único. Para sermos nós mesmos precisamos ter a nós mesmos, possuir, se necessário repossuir, nossa história de vida. Precisamos "rememorar" a nós mesmos. Um homem necessita dessa narrativa, uma narrativa íntima contínua, para manter sua identidade, seu eu.

Experienciar diferentes formas de vida por meio do rádio implica em descobrir, em buscar histórias singulares. Implica numa disponibilidade de escuta cujo tempo é diferente das emissoras comerciais, que estabelecem rígidos padrões de horários tanto para a coleta de entrevistas quanto para a edição e veiculação. Sacks (1997, p. 129) alerta para o caráter único de cada narrativa:

> Se desejamos saber a respeito de um homem, perguntamos "qual é sua história – sua história real, mais íntima?", pois cada um de nós *é* uma biografia, uma história. Cada um de nós *é* uma narrativa singular que, de um modo contínuo, inconsciente, é construída por nós, por meio de nós e em nós – por meio de nossas percepções, sentimentos, pensamentos, ações e, não menos importante, por nosso discurso, nossas narrativas faladas.

O projeto experimental sobre as narrativas de sujeitos singulares realizado pela Rádio Universidade FM envolveu, até 2003, um trabalho de equipe, formada pela jornalista da emissora Patricia Zanin Heitzmann, os jornalistas colaboradores Fábio Augusto Mansano e Guilherme Borges, a então estudante do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL) Roberta Costa Alves Nunes, formada em jornalismo pela Universidade em 2005 e a professora de Radiojornalismo e Telejornalismo da UEL Flávia Bespalhok[12].

O caminho educativo em construção na emissora inclui também pavimentar o novo projeto editorial da rádio, que envolve a direção da Universidade FM, os três jornalistas (Maria Cristina Côrtes, Patricia Zanin Heitzmann e Pedro Livoratti), além dos estudantes fixos que são colaboradores. Até março de 2005, a rádio era dirigida por

[12] O fundamento do projeto "Jornalismo Cidadão" foi apresentado na sessão Temas Livres do XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação (Intercom), realizado em de setembro de 2003 em Belo Horizonte (MG). Em 2004, a recepção ao projeto, em forma de pesquisa qualitativa, foi apresentada em forma de artigo também na sessão Temas Livres do XXVII Congresso Anual em Ciências da Comunicação (Intercom), realizado em setembro de 2004, em Porto Alegre (RS).

Janete El Haouli[13], que teve papel fundamental na elaboração e construção do projeto editorial-educativo da emissora. O projeto envolve a perspectiva de um rádio mais reflexivo que possa aliar ética e estética na produção de séries de reportagens. Em 2003 foram veiculadas pelo menos sete séries de reportagens (envolvendo temas como transporte coletivo, circo, os sentidos da música, drogas, os 30 anos do golpe militar no Chile, além de saúde e rádios educativas). Essas séries trabalham com o aprofundamento e a interpretação da informação. Mas fica a pergunta: será que projetos jornalísticos com foco nos caminhos do sujeito, do cidadão, só podem ser desenvolvidos em TVs e emissoras de rádio públicas e educativas, como é o caso da Cultura, de São Paulo, e da Universidade FM, em Londrina? Para Bucci (2000, p. 33), atual diretor da Radiobrás (a agência nacional de comunicação do governo federal) o jornalismo deveria aprofundar-se mais nos assuntos, contextualizando-os e privilegiando a ética:

> É verdade que a atividade jornalística se converteu num mercado, mas atenção, esse mercado é conseqüência, e não o fundamento da razão de ser da imprensa. Do direito fundamental a que corresponde a imprensa, o direito à informação, resulta a ética que deveria reger os jornalistas e as empresas de comunicação.

Ética que *deveria* reger os jornalistas e as empresas, diz Bucci, usando o verbo no futuro do pretérito. Porque, com raras exceções, a grande imprensa tem dado as costas para propostas como as mantidas pela Cultura, por exemplo. O jornalista Alberto Dines, que faz uma análise crítica da mídia, afirma que a imprensa está na contramão da história ao adotar uma postura como essa.[14]

Para o professor universitário e presidente da Associação Brasileira de Emissoras de TVs Universitárias, Gabriel Priolli, da PUC-SP, emissoras de TV e rádios educativas devem fazer uma escolha pela profundidade ao tratar dos diferentes temas. Ele alega que o rápido, o fugaz, o imediato e o instantâneo já têm seu espaço garantido nas rádios comerciais.[15]

Na avaliação do sociólogo e professor livre-docente da Escola de Comunicação e Artes da USP, Laurindo Leal Filho, em entrevista a Alexandre Pavan (2001), "o conceito de educação está na origem do rádio, no entanto, como nosso modelo

[13] Janete El Haouli assumiu a direção da Universidade FM em setembro de 2001 na gestão do reitor Pedro Gordan e foi demitida em março de 2005 pela reitora Lygia Puppato por discordar da subordinação da emissora à Coordenadoria de Comunicação Social (COM) da Universidade Estadual de Londrina.
[14] A afirmação foi feita para a série de reportagens sobre rádios educativas produzida e veiculada pela Rádio Universidade FM, em junho de 2003.
[15] A afirmação foi feita para a série de reportagens sobre rádios educativas produzida e veiculada pela Rádio Universidade FM, em junho de 2003.

institucional é o comercial, a idéia inicial foi sendo substituída pelo entretenimento e pela informação". Para ele, a situação agravou-se com o surgimento da TV, quando as emissoras de rádio começaram a buscar sobrevivência com música e notícia, deixando de lado o papel educativo, que hoje, segundo ele, é "residual e insignificante". "O grande mal do rádio brasileiro é estar nas mãos de comerciantes e de políticos religiosos" (apud PAVAN, 2001).

O ideal para o desenvolvimento de uma programação diferenciada, segundo Leal Filho (apud PAVAN, 2001), seria aliar entretenimento ao conteúdo educativo:

> Mas, infelizmente, iniciativas assim são poucas. Comparada com a televisão, uma produção de rádio é barata, basta ter criatividade e talento. Porém, esses projetos são incompatíveis com os objetivos de lucro comercial e proselitismo religioso, que é o que impera nas emissoras brasileiras atualmente.

A professora de Radiojornalismo da Universidade de Brasília (UnB) Nélia Del Bianco (2003) interpreta o conceito de educativo hoje mais ligado à cultura. Ela defende a idéia alegando que quem se aventura a produzir materiais radiofônicos ligados às práticas educativas deve estar atento à separação existente entre o rádio educativo erudito e elitista e o rádio educativo popular. A professora sugere que o projeto educativo atual assuma alguns princípios básicos como:

> a) adotar a perspectiva da mobilização social, promoção humana e desenvolvimento da comunidade no uso do rádio para fins educativos;
> b) ter o propósito de não dar aulas pelo rádio, mas sim, aproveitar a linguagem radiofônica para disseminar uma cultura;
> c) produzir programas regionalizados, respeitando as características culturais e as potencialidades econômicas e sociais do local;
> d) apresentar conteúdos que estimulem a reflexão e a construção do saber a partir da vivência coletiva, o saber popular, as vivências comunitárias e coletivas, propiciando elementos conceituais para que o público possa desempenhar ações concretas; (DEL BIANCO, 2003, p.5)

Del Bianco lista ainda outros três itens que considera importantes nessa perspectiva de produção de programas educativos voltados às idéias de cultura, transmissão de valores, promoção humana e mobilização social. Para ela, a preocupação estética também deve estar presente. A professora defende o "uso de vários recursos da linguagem radiofônica" como o humor, o drama, os efeitos sonoros, além do relato de casos reais. Outra orientação dada por Del Bianco é para que a emissora e seus programas possam se constituir "num canal de interação passando a ser percebido como um interlocutor perante seus ouvintes."

Para elaborar essa lista de orientações ligadas ao que ela chama de "perspectiva do popular", a autora fez uma distinção com o rádio educativo erudito e elitista que, segundo ela, tem a missão de difundir conhecimentos e levar educação no sentido formal, além de perceber a cultura como um saber a ser cultuado e preservado, tornando-se "chato e cansativo".

Um rádio educativo que pretenda aproximar-se de fato do universo simbólico e cultural de onde está inserido, necessita – como já alertou Paulo Freire a respeito das práticas educativas – saber escutar e ter disponibilidade para o diálogo. Na teoria, a proposta do educador não deixa dúvidas sobre sua importância. Na prática educativa, ela é tarefa complexa a ser viabilizada. Implica em um constante escutar-se; envolve o já mencionado mergulho em si para "nadar" sincronizado com o outro. Freire defendia: é escutando que aprendemos a falar. Ele propôs uma escuta paciente, mas também crítica:

> Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias (FREIRE, 1996, p.135)

Freire também chama nossa atenção para a disponibilidade de diálogo. "O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História." (FREIRE, 1996, p.154)

A arte de saber escutar; disponibilidade para o diálogo; produção de material educativo com qualidade ética e estética; independência editorial que garanta crítica e questionamento. Esses são alguns dos desafios que se colocam para as mais de 300 emissoras de rádio educativas no país. Em junho de 2003, segundo o Ministério das Comunicações, as educativas, públicas e universitárias eram 328. O número é ínfimo se comparado ao universo total de emissoras do País, apontado pelo governo em 5,2 mil emissoras. Mas é preciso que as rádios educativas assumam seu papel diferenciado no processo de educação e comunicação que se coloca como desafiador num serviço público de concessão.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Chico e GENTILI, Pablo. **Educar na esperança em tempos de desencanto.** Petrópolis: Vozes, 2001.

ALVES, Rubem. **Quarto de badulaques**. São Paulo: Parábola, 2003.

BLOIS, Marlene. Rádio educativo: um caminho em construção. In: CUNHA, Magda Rodrigues; HAUSSEN, Doris Fagundes. (org.) **Rádio brasileiro: episódios e personagens**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEL BIANCO, Nélia. *Rádio e Educação Caminhos cruzados*. Artigo enviado à Rádio Universidade FM de Brasília, em 20 de junho de 2003.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação**: rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KANT, Immanuel. **Textos selecionados.** Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? Petrópolis: Vozes, 1985.

KAPLUN, Mario. **Produccion de programas de radio: e**l guion, la realizacion. Ciespal, 1978.

MCCHESNEY, Robert W. Mídia global, neoliberalismo e imperialismo. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização, cultura e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ORTRIWANO, Gisela S. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

Pavan, Alexandre. "Em busca de sintonia". Revista de Educação, nº 246, out.2001.

RAMONET, Ignacio. O poder midiático. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**. Mídia, mundialização, cultura e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SACKS, Oliver. **O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas**. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. As perspectivas do rádio na sociedade da informação: reflexões sobre a programação das emissoras públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais ...** Porto Alegre, 2004. CD-ROM